

QUANDO COMEÇA A NOSSA HISTÓRIA, AFINAL?

A CONQUISTA NA VISÃO DOS VENCIDOS

Carlos Alberto dos Santos Dutra

Para a classe dominante a história da América Latina começa com a chegada dos espanhóis e portugueses em 1492. Somente a partir desta data a América começa a fazer parte da história universal. Antes do dia 12 de outubro, há 500 anos, é como se o homem latino-americano não existisse. O nativo destas terras era o "não-homem".

Para o conquistador este "achado" é a negação do semelhante. O autóctone para ser reconhecido como "gente", tem que "humanizar-se". Antes é um animal. Por isso é preciso aprender e a usar os "bons costumes" da cultura ocidental "cristã" invasora. Somente assim torna-se "senhor da história" do chamado mundo civilizado.

No decorrer dos séculos foi prática comum esta falsificação da história. Sempre contada a partir dos interesses das minorias oligárquicas. Este processo de dominação ideológica e cultural, entretanto, como era de se esperar, continua até os dias de hoje.

A história, para os povos oprimidos da América Latina, começou muito antes de 1492. Esta data na verdade representa o momento em que esta história lhes foi arrancada das mãos e a liberdade ceifada de seus corações.

Os povos que habitavam o continente americano eram numerosos e de grandes diferenças étnicas entre si. Estudiosos calculam 30 milhões de indígenas; 2 mil línguas diferentes em seu vocabulário e linguagem.

Os Incas e Astecas, no México, somavam 20 milhões. Na península de Yucatán e nas montanhas ao norte da Guatemala viviam 6 milhões

de habitantes. Para se ter uma idéia do volume desta população basta dizer que os conquistadores espanhóis vinham de um país cuja população não ultrapassava 3,5 milhões.

Portugal, nesta época, contava com pouco mais de 1 milhão de habitantes e a Inglaterra com 3 milhões. Só no Brasil, durante o chamado período do "descobrimento" viviam mais de 5 milhões de indígenas. Nenhuma cidade européia, com exceção talvez de Paris, era maior que a capital do Império Asteca, Tecnochtitlan.

Quando aprendemos a História, nos bancos escolares, os professores nos falam do Império Romano, sua extensão e esplendor; das estradas que ligavam à Grécia e ao Oriente, no sul da Itália e à Espanha.

Pois saibam os senhores que o Império Romano em sua maior extensão, não era maior que o Império Incaico, admirável também por seus sistemas de comunicação através de estradas que cortavam os Andes, de norte a sul, do nascente ao poente, alcançando de um lado a floresta amazônica e do outro lado o Oceano Pacífico.

O explorador, quando aportou nestas terras habitadas, não preocupou-se em reparar se havia alguém neste mundo "sem Deus". Sequer o vasto repertório de conhecimentos, as soluções técnicas e científicas que iam deste pequenas organizações tribais à observatórios astronômicos foi percebido. O projeto dos conquistadores, preocupados com a exploração aurífera, não os deixou ir além do horizonte de suas ganâncias.

Quando a bota estrangeira pisou pela primeira vez nestas terras, ela enterrou ao seu lado também a espada e o signo da cruz em seu cabo. Os reis católicos de Espanha há muito haviam decidido financiar a aventura em que se configurou o "descobrimento".

Nos domínios da Igreja, numa rápida digressão histórica, a Rainha Isabel da Espanha faz-se madrinha da Santa Inquisição. A façanha não pode explicar-se sem a tradição das Cruzadas. Move-se então a Santa Madre a dar caráter sagrado às conquistas realizadas em terra do além-mar. O Papa Alexandre VI converte a Rainha Isabel em Senhora do Mundo Novo. O Reino de Castela amplia agora o Reino de Deus sobre a terra.

O Papa Nicolau V, em 1452, já havia concedido com sua autoridade apostólica plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar "os pagãos e inimigos de Cristo". Autorizava "reduzir" estas pessoas a "perpétua escravidão", apropriando-se e convertendo em seu uso e proveito reinos, ducados, condados, principados e outras propriedades....

A Igreja Católica cometeu verdadeiros massacres. Legitimou a escravidão e foi conivente com a dizimação de nações indígenas inteiras.

Os legítimos donos da terra e, depois os negros trazidos da África, foram considerados pagãos, infiéis, supersticiosos. Viviam nas trevas do pecado. Deus tinha de chegar para salvá-los. *Orbis Christianus!* Esta era a ordem querida por Deus. Ele chegou com os europeus. Antes não havia nada. Só o “vazio teologal”. *Aí fiat lux*. Esta foi a descoberta do continente.

A história da América Latina passa a ser então a história da submissão, via de regra, pela Catequese e pela Evangelização. Torná-los portugueses e espanhóis era o seu objetivo. Com os aldeamentos e as reduções, os indígenas são aportuguesados e cristianizados, espanholizados e cristianizados. A ponto de “nada mais ter de índios” como cita o Padre Anchieta.

Os índios tornavam-se “outro” com a catequização. O símbolo que evidencia esta transformação era a perda do próprio nome, sendo-lhe imposto um outro dado pelo missionário: o nome de batismo, o nome cristão. Em seu célebre “Diálogo do Gentio”, o jesuíta Manoel da Nóbrega escreveu que era impossível evangelizar e batizar os silvícolas se eles não se submetessem, primeiro, à Coroa portuguesa.

A evangelização latino-americana foi essencialmente colonizadora. Não deu espaço para o diálogo intercultural, não reconheceu a religião dos indígenas. A catequese destruiu o que qualquer povo tem de mais sagrado: o seu “eu” indígena. Para inculcar valores, usos e costumes ibéricos. Uma vez aculturados, são submetidos a trabalhos forçados. Nas palavras de Leonardo Boff, a ideologia do “*orbis christianus*” uniu mercadores com missionários. O missionário acultura, o mercador escraviza e a Coroa prospera.

Calcula-se que a obra da colonização espanhola e portuguesa fez mais de 60 milhões de vítimas humanas. Este terrível acontecimento, aos olhos dos indígenas de ontem teve um estranho sabor de morte, extermínio e maldição. Para os indígenas sobreviventes de hoje, o acontecimento foi uma verdadeira “desgraça continental”.

Por ocasião da celebração dos 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América, festejada por várias entidades, entre elas o CELAM, da Igreja Católica e a UNESCO, a organização da ONU para a Educação e Cultura, lideranças indígenas de vários povos manifestaram-se sobre este acontecimento

“Celebrar os 500 anos é celebrar um massacre” disse a indígena Juanita Vasquez, Zapoteca-Mixe de Yalalag, México. “Eu proponho” enfatizou ela, “que a Igreja peça perdão pela destruição de nossos irmãos”.

Para os índios Aymara, Quéchuas e Guarani, da Bolívia, “a conquista significou a destruição de suas nacionalidades, a escravidão e

a morte. Testemunhas disto são os milhares de homens e mulheres indígenas que se debatem na miséria e opressão”.

“Desde a invasão espanhola, nós, os descendentes da grande civilização Maya temos enfrentado guerras, perda de nossas terras, exploração, humilhação e desprezo. Mas ainda estamos vivos, cultivando nossa língua, costumes, religião e cultura. Estamos vivos em nossa experiência histórica, tradições, atitudes espirituais comuns. Estamos vivos em idéias e em consciência política...”.

Daniel Morales, índio Maya da Guatemala conclui” “como outrora, pensamos com nossas próprias cabeças, sentindo o nosso próprio coração, caminhando com nossas próprias pernas”. No Brasil, dia 19 de abril comemora-se o Dia do Índio. Bom dia para se rever os turvos caminhos de ontem e pensar nos, oxalá, dilatados horizontes de amanhã para os povos indígenas de hoje.

Carlos Alberto dos Santos Dutra é bacharel em teologia e coordenador diocesano do CIMI — Conselho Indigenista Missionário na Diocese de Três Lagoas, MS. Publicou “*Ofayé Xavante — Ainda estamos vivos!*” In Caderno do CEAS — Centro de Estudos e Ação Social, Salvador nº 121, maio-junho, 1989; “*Matrimônio*” Sacramento para o nosso tempo” In Revista Eclesiástica Brasileira — REB, Petrópolis, Vozes, Fasc. (50): 199, setembro, 1990; “*Missa Crioula e Ideologia*” in Teocomunicações. Revista Trimestral de Teologia, Porto Alegre, nº 73, ITCR-PUCRS, março, 1986 e “*Ofaié: O povo do mel*”. CIMI-MS, Campo Grande, 1991.

Endereço: Caixa Postal 11 — 79670-970 Brasilândia - MS